



BRASILEIROS NO TOPO DO MUNDO

Otimismo e perseverança, as chaves do sucesso

Aos 67 anos, a empresária Sílvia Caetano superou a morte do irmão, seu sócio, a grave crise financeira mundial e construiu a Light Design, referência em Portugal em projetos de iluminação

» VICENTE NUNES
Correspondente

Lisboa — Única mulher de quatro irmãos, Sílvia Caetano, hoje empresária de sucesso, aprendeu, desde criança, a se defender de qualquer ataque que viesse a receber, seja físico ou verbal. Se, na brincadeira de casa, a opção fosse por futebol, ela sempre era escolhida como goleira, para levar as boladas. Nas disputas entre caubóis e índios, sempre ficava no segundo grupo, para levar as flechadas. Mas encarava tudo e todos. Sabia que precisava se impor. Não havia espaço para medos ou fragilidades pelo simples fato de ser do sexo feminino. Veio desse período, inclusive, a força para construir a Light Design em Portugal, projeto iniciado em 2005 e concluído quatro anos depois. O ambiente hostil de outro país, sem conhecidos para lhe estender as mãos, não a intimidou. Hoje, tem certeza de que valeu a pena tanto esforço.

“O fato de conviver em um ambiente puramente masculino, com irmãos e primos, me ajudou a encarar o mundo. Não me intimido”, diz. “Trabalho no setor de iluminação, que se insere no mercado da construção civil, muito masculino. Mas consegui conquistar meu espaço. E sou muito respeitada”, afirma. A trajetória de Sílvia, 67 anos, como empresária remonta há 1988, quando ela e o irmão, Marco Caetano, compraram uma franquia da Light Design, que abriu as portas em Recife e, atualmente, atua em Brasília, Goiânia, Campo Grande, Natal, Caxias do Sul, Teresina e Lisboa. Dois anos

depois, deram um passo maior e se tornaram sócios de uma fábrica de luminárias com sede no Rio de Janeiro. O negócio havia sido criado pelo sueco Nils Ericsson, uma lenda no setor, mas andava mal das pernas.

Apesar dos problemas de gestão, os irmãos viram potencial no empreendimento. Pernambucanos de nascimento, Sílvia e o irmão decidiram abrir uma nova fábrica, mas no Recife. Faltava, porém, capital para a empreitada. “Tivemos de percorrer bancos para levantar os recursos. Mesmo sendo um bom projeto, que garantia a criação de empregos, houve rejeição. Mas não desistimos, até que houve um sinal verde de uma instituição financeira pública”, relembra. A indústria saiu do papel e deu o salto que todos esperavam.

A unidade do Rio de Janeiro, porém, sofria nas mãos do então sócio. Foi então que os irmãos resolveram comprar a totalidade das ações da fábrica fluminense, fechada tempos depois. Nils ficou como peça estratégica, fazendo o que ele mais gostava: desenhar luminárias. “Sou muito grata a ele, pois fez a diferença com seu talento, criando produtos inovadores”, diz.

Tudo estava caminhando como o previsto. Sílvia, morando em Brasília e cuidando das relações e do marketing da empresa, e o irmão, vivendo no Recife, administrando o caixa e o chão da fábrica. Foi então que veio o grande baque. Marco, que era mergulhador, descobriu um câncer no pulmão. A doença o consumiu rapidamente. Em questão de meses, morreu. Tinha apenas

Fotos: Arquivo pessoal



A brasileira Sílvia não teve medo de empreender longe do Brasil

45 anos. “Fiquei com a fábrica sem saber o que fazer. Nunca tinha atuado diretamente na gestão do dia a dia da empresa”, conta. Para piorar, os empregados começaram a fazer operação padrão e a boicotar a produção. Sílvia teve de agir rapidamente.

Pedido de ajuda

“Chamei todo mundo para uma reunião e disse: o Marco

de levar o empreendimento à frente. “Mas houve quem disse que aceitaria ficar mesmo que, por algum tempo, não recebesse salário. Foi gratificante esse apoio”, ressalta.

Como acontece em várias empresas familiares, os conflitos entre os parentes se escancararam. A filha do irmão de Sílvia tinha assumido parte da administração da fábrica depois da morte do pai. A saúde financeira começou a degingolar. “A situação ficou muito confusa. Tínhamos bons projetistas, mas os produtos não estavam sendo bem fabricados”, frisa. Algumas pessoas próximas, mais céticas, levantaram a possibilidade de Sílvia desistir do negócio. “Isso nunca me passou pela cabeça. Sou uma leoa para brigar”, destaca. Abraçou de vez a fábrica, cuja unidade original havia sido fundada pelo sueco em 1974.

No aniversário de 30 anos da indústria, Portugal entrou em definitivo no caminho da Light Design. “Tinha clientes pernambucanos com empreendimentos no país europeu. Fui atendê-los pessoalmente, para fazer uns testes de luz em um hotel na Marquês de Pombal — área nobre de Lisboa. O projeto de iluminação era nosso”, conta a empresária. Durante a execução do trabalho, Sílvia percebeu que havia um nicho a ser explorado na capital portuguesa. “Naquela época, quem fazia os projetos de iluminação em Portugal era o engenheiro eletrotécnico, o nosso engenheiro eletricitista, sem o olhar atendo do light designer, um criador que vê a luz de forma artística”, detalha.

morreu e, realmente, não tenho experiência de fábrica, mas, com a ajuda de vocês, tenho certeza de que conseguirei levar o negócio adiante. E quero dizer que é o momento de vocês decidirem se querem ficar do meu lado ou prejudicando a fábrica, quebrando máquinas, destruindo peças”, relembra Sílvia. Três funcionários decidiram abandonar o barco por não acreditarem na capacidade da executiva